



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAGED

Maria Clara de Nazaré Reis Machado

A INCLUSÃO DO ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL E O
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: A RELAÇÃO ESCOLA -
APAE.

Bragança- PA

2019

Maria Clara de Nazaré Reis Machado

A INCLUSÃO DO ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: A RELAÇÃO ESCOLA - APAE.

Trabalho de conclusão de curso como requisito básico para obtenção de certificado do curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dra. Neide Maria Fernandes Rodrigues de Sousa.

Bragança- PA

2019

A INCLUSÃO DO ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL (PC) E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: A RELAÇÃO ESCOLA - APAE.

Maria C. R Machado ¹
Neide M.F. R de Sousa²

RESUMO

O trabalho teve o objetivo de compreender a inclusão do aluno com paralisia cerebral e o atendimento educacional especializado: a relação escola - APAE. A inclusão educacional tem como proposta uma educação de qualidade para todos, com uma reorganização no sistema de ensino. Na perspectiva da educação especial se faz necessário um conjunto de ações para prover as necessidades especiais do aluno com Paralisia cerebral, entre elas o atendimento educacional especializado- AEE. O levantamento foi realizado por meio de entrevista semiestruturada com coordenadores e professores da escola e da APAE e na organização e interpretação dos dados usamos a análise de conteúdo. Os dados foram estruturados nas categorias temáticas: *a) a inclusão educacional b) a inclusão do aluno com PC; b) a parceria da APAE e a Escola regular; c) dificuldades e desafios dessa parceria.* Nos resultados os participantes percebem a inclusão como algo importante e que melhora a vida de todos, percebem que o aluno tem capacidade de se desenvolver e aprender, apesar das limitações, no AEE as professoras das escolas percebem como algo positivo, auxiliando-as no planejamento e na prática docente, apesar de que este ano, essa relação está menos presente; a coordenadora da escola percebe como visitas das professoras da APAE a escola. Concluímos que a relação escola – APAE no AEE é uma proposta positiva no atendimento educacional dos alunos com PC, porém precisa ser mais efetiva para as práticas inclusivas exitosas.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão educacional. Alunos com paralisia cerebral. Atendimento educacional especializado- AEE. Relação escola- APAE.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, UFPA/ Campus de Bragança

² Profa. Dra. da UFPA/ Campus de Bragança

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo compreender a inclusão do aluno com paralisia cerebral (PC) no que se refere ao atendimento educacional especializado (AEE) realizado na parceria entre a Associação de pais e amigos excepcionais (APAE) e a escola. O estudo da temática é relevante na construção cotidiana da inclusão escolar, considerando que uma das condições para o sucesso de práticas educacionais inclusivas é o AEE que pode ser efetuado em instituições especializadas em parceria com a escola regular, materializando em ações colaborativas para a permanência, o desenvolvimento e aprendizagem do aluno com paralisia cerebral.

O interesse pela temática se deu a partir da convivência com meu irmão que tem paralisia cerebral e isto me instigou a estudar e aprofundar sobre o assunto. Meu irmão começou a frequentar os espaços educativos APAE e escola regular aproximadamente há três anos e percebi um desenvolvimento nos diferentes aspectos: físico, intelectual, social e afetivo. Esse contexto me levou a querer aprofundar a compreensão da parceria instituição especializada e escola regular.

O objetivo deste estudo é discutir possibilidades viáveis para os caminhos da inclusão educacional pela via das parcerias escola e instituições especializadas, assim como ampliar os estudos na área de educação especial inclusiva.

A INCLUSÃO DO ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL (PC) E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - AEE

A inclusão educacional tem como proposta uma educação de qualidade para todos, com uma reorganização no sistema de ensino; com um conjunto de mudanças, entre elas, citamos as modificações no projeto pedagógico; provisão de recursos suplementares; acessibilidade a todos os ambientes físicos; parceria com os pais; gestão e liderança mais democrática; novas formas de avaliação; métodos e técnicas instrucionais diversificados;

agrupamento diferenciado; identificação e avaliação do tipo de deficiência/transtorno. Além de currículos abertos e flexíveis com adaptações curriculares individualizadas, métodos, técnicas e avaliações escolares diversificadas; atendimento na classe comum. Para tanto, são necessários políticas públicas eficientes, o que não se observa na realidade educacional brasileira (MANTOAN, 2003; SOUSA, 2015).

Na perspectiva de educação especial inclusiva um dos aspectos importante nas ações educativas é o Atendimento Educacional especializado (AEE). O decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011 dispõe sobre o atendimento educacional especializado e que pode ser realizado entre instituição especializada e escola comum. No município de Braganca essa parceria é realizada entre a APAE e escolas regulares o ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência requerem algum tipo de apoio e nesse caso a parceria dos centros e das escolas são mútuos, na medida em que são estabelecidos laços educacionais em prol do melhor desenvolvimento deste aluno.

Um dos grupos alvo da educação especial inclusiva é o aluno com paralisia cerebral (PC). A paralisia cerebral envolve distúrbios muito diversos, que têm em comum é uma alteração ou perda do controle motor secundária a uma lesão encefálica, ocorrida no período pré-natal ou no decorrer da primeira infância (BASIL, 2004).

A Paralisia Cerebral descreve um grupo de desordens permanentes do desenvolvimento do movimento e postura atribuído a um distúrbio não progressivo que ocorre durante o desenvolvimento do cérebro fetal ou infantil, podendo contribuir para limitações no perfil de funcionalidade da pessoa. As desordens motoras na paralisia cerebral podem ser acompanhadas por distúrbios sensoriais, perceptivos, cognitivos, de comunicação e comportamental, por epilepsia e por problemas muscoesqueléticos secundários (BRASIL, 2013, p. 9).

A educação do aluno com PC envolve um trabalho em equipe, em que o professor deve atuar em conexão com outros profissionais da área da saúde, como o fisioterapeuta, o fonoaudiólogo, o terapeuta ocupacional, o psicólogo e

o médico reabilitador. Além da estreita colaboração com os pais e outras pessoas chegadas ao educando (BASIL, 2004).

MÉTODO

Para este trabalho adotamos uma abordagem qualitativa, a escolha pela pelo tipo de pesquisa se deu por querermos perceber os sentidos que os atores têm sobre a inclusão do aluno com PC no que se refere o AEE efetivado em parceria com a APAE. Segundo Minayo (2001) na pesquisa qualitativa se trabalha com os significados, considerando as crenças, os valores e as atitudes, sendo resultado da realidade cotidiana envolvendo aspirações, ideias ações, crenças e valores, qualitativa não está atrelada aos números, e sim os significados que os participantes têm sobre algo.

Lócus de estudo

O levantamento de dados ocorreu em dois espaços educativos do qual o aluno com PC frequenta, a saber: a escola municipal de Ensino Fundamental Theodomira Lima, onde estuda a primeira etapa da educação de jovens e adultos EJA e a Associação de Pais e Amigos Excepcionais a APAE, onde tem o atendimento educacional especializado (AEE), ambos no município de Bragança. A escola municipal possui 7 salas, 4 banheiros, 1 cozinha, 1 sala de informática, 1 sala de atendimento especializado, 1 quadra esportiva. O levantamento de dados foi realizado na turma da 1º etapa da educação de Jovens e Adultos EJA, e essa turma tem um aluno com PC com idade de 27 anos, que frequenta a escola a três anos.

O segundo espaço educativo que o aluno com PC frequenta é a Associação de Pais e Amigos Excepcionais- APAE, a instituição possui salas de atendimento especializado, cozinha, refeitório, sala de vídeo e sala de coordenação. Atualmente a instituição atende cerca de 150 alunos, com diferentes tipos de deficiência e condição social.

Participantes

Participaram da pesquisa duas coordenadores (um da escola municipal e outro da APAE) e duas professoras (uma professora da turma regular do aluno com PC e uma professora da APAE). Referente a formação acadêmica

as coordenadoras da sala regular e da APAE são pedagogas; a coordenadora da APAE possui especialização em educação especial e atendimento especializado e a coordenadora da escola possui especialização em gestão escolar; a professora da APAE é formada em ciências naturais e especialização em psicopedagogia/educação especial/atendimento educacional especializado (AEE) e a professora da escola regular em licenciatura em história com especialização em gestão escolar e informática educativa.

Instrumentos e Procedimentos de Levantamento

Foi utilizada a entrevista semiestruturada com roteiro pré-estabelecido e o questionário sócio econômico. No roteiro direcionado aos profissionais da APAE foram formuladas questões sobre as características da instituição Apaeana; atendimento/ tipo de clientela; a percepção da PC; e a relação da APAE com a escola regular de ensino.

No roteiro direcionado à escola Theodomira Lima, as questões foram referente ao processo de inclusão educacional do aluno com PC; a compreensão do aluno; a percepção do aluno na turma da EJA; as flexibilizações curriculares ; a relação entre a APAE e a escola regular. Essas questões dão embasamento para a principal indagação que norteia essa pesquisa, que é como ocorre a parceria entre a escola regular e o atendimento educacional especializado feito pela APAE no processo de inclusão e escolarização do aluno com PC. Também foram aplicados questionários socioeconômicos a fim de conhecer os perfis dos profissionais que atuam nas instituições.

No procedimento de levantamento de dados inicialmente houve uma conversa com as coordenadoras dos dois espaços educativos explicando o trabalho e solicitando autorização para a realização das entrevistas; em seguida, foram marcadas as datas da entrevista, cada entrevista durou em média 40 minutos.

Procedimento de análise

O tratamento dos dados se deu por meio da análise de conteúdo com base nos pressupostos de Bardin (2011) considerando as três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos dados/ interpretação dos dados. Na pré análise realizamos a organização dos dados por meio da transcrição das entrevistas. Na exploração do material realizamos a leitura flutuante e a codificação ou categorização dos dados. No tratamento dos resultados fizemos as inferências e interpretações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico apresentamos e analisamos os dados tratados Com vista a atingir aos objetivos que este estudo se propõe; assim, emergiram quatro temáticas analíticas, a saber: a) *a inclusão educacional* b) *a inclusão do aluno com PC;* b) *a parceria da APAE e a Escola regular;* c) *dificuldades e desafios dessa parceria.*

A educação inclusiva

Na categoria temática *educação inclusiva* nas narrativas as participantes descrevem o sentido que dão para a inclusão escolar : é importante e necessária para toda a rede de ensino como professores, coordenadores e equipe técnica, inclusive o aluno incluído, a escola regular passou a crescer com a entrada dos alunos especiais benéfica para os professores e alunos, pois estimula a convivência em sociedade, foi uma conquista , mas ainda há muito preconceito. A seguir mostramos as narrativas dos participantes:

Assim, eu vejo como algo importante tanto para os alunos especiais como pra escola que recebe... a gente sabe que não é algo fácil, você receber uma nova realidade, mas deve ser vista de uma maneira vitoriosa principalmente para as famílias terem seus filhos estudando e recebendo apoio especializado, seja da APAE, seja do AEE".
(coordenadora pedagógica da APAE)

Ah, eu entendo que o processo de inclusão, ele é importante e necessário... não só para o aluno com deficiência, mas também para toda a rede de ensino... pra própria escola(...)a educação tem crescido muito, a partir do momento que ela abriu as portas para os alunos com deficiência nas escolas regulares, porque isso tem possibilitado as

escolas crescerem, e os profissionais da educação estudarem mais... e isso tem favorecido as famílias que antes escondiam as crianças e que hoje trazem as crianças pra escola, né... isso tem ajudado no desenvolvimento delas (coordenadora pedagógica da escola regular)

Mas eu acho, acho... fantástico, eu acho fantástico porque tanto nos como professores, eu como professora, os colegas deles, também aprendem com ele, aprende a socializar, a gente aprende a ser melhor (professora da sala regular)

A gente tem que trabalhar em um só patamar sabe? Aquele aluno tem que se sentir igual, tem que sentir querido (professora da APAE).

Podemos verificar nas narrativas a ideia de que é importante construir uma escola inclusiva, sobre esse contexto afirma Paz e Silva (2017): “O diferencial da política inclusiva é a proposta de uma sociedade igualitária e, portanto, para todos”. Assim também, podemos observar que o ponto principal para a inclusão escolar é vista como a abertura da estrutura educacional para alunos com deficiência, sobre isso a política nacional de educação inclusiva afirma que: “Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola”(2017, p. 15) afirmando portanto, que a escola comum deve construir um currículo que contemple a todas as diversidades dos alunos.

Sobre a inclusão escolar Mantoan (2003, p. 16) afirma:

a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.

Portando, a inclusão escolar assume o caráter de ação política que produz modificações nos diferentes setores, sendo eles culturais, sociais, possibilitando uma nova proposta pedagógica construída para todos os alunos.

O aluno com PC e a educação inclusiva

A categoria foi organizada em dois subtemas: a percepção do aluno com PC e a flexibilização curriculares. Nas narrativas as participantes tiveram diferentes sentidos sobre a percepção do aluno com PC: a coordenadora da escola afirmou que certa vez observava um aluno com PC do turno da tarde lanchando com sua cuidadora e naquele momento pensou porque ele estava

ali, sendo que não havia nenhum tipo de perspectiva de desenvolvimento nos aspectos educacionais, no entanto, a cuidadora que o auxiliava afirmou ser imprescindível a presença do aluno na escola, que a sua inserção era necessária para a superação de preconceitos da própria escola. As professoras da sala regular e APAE afirmam que ocorre o estímulo e interação do aluno com os demais colegas, para elas o aluno é visto como uma pessoa dita “normal” com algumas limitações, mas que isso não afeta seu lado cognitivo e afetivo. Vejamos as narrativas dos participantes

“A gente é cheio de limitações pra entender as limitações no desenvolvimento das crianças com deficiência, então. na minha ignorância eu olho pro aluno... então esse processo de inclusão faz com que a gente aprenda, com que a gente mude a nossa visão.. então qual é a minha percepção do aluno com paralisia era que ele não aprendia nada.. e que era melhor deixar ele em casa mas na medida que a gente vai vivenciando e vai que esse universo com pessoas, com estímulos né? Vai ajudar o desenvolvimento dele, então... e isso me dá.. na medida que eu convivo com essa realidade e isso me influencia positivamente a maneira de olhar.” (coordenadora da escola)

“A minha percepção é que ele só tem as limitações mesmo, mas ele sente, ele percebe, quando ele é estimulado, ele interage, e bem... se não fosse os problemas físicos que a paralisia traz, o problema motor a dificuldade de pegar no lápis de fazer as coisas, ele é uma pessoa normal, pra mim é assim, como os outros alunos, e eu até acho ele melhor de trabalhar do que com muitos outros que se dizem normal.”(professora da sala regular).

Ele... se desenvolve muito, três anos que eu estou com ele.. e ele já se desenvolveu bastante de lá pra cá.... tipo... ele, os movimentos das mãos... o cognitivo, o Carlos é um menino muito desenvolvido.A gente percebe que de alguma forma ou de outra... ele desenvolveu uma potencialidade, ele obedece a comandos, por exemplo na forma gestual, tipo assim ele usa o gestual e eu consigo me comunicar com ele, a gente se comunica legal, se é positivo ou negativo... então... isso que é bonito desse alunos. Entendeu? Essa interação, esses estudos, essa diagnose a gente vai aprendendo a lidar com eles (professora da APAE)

Deste modo, podemos diferenciar diferentes pontos de vista: a coordenadora, observamos os anseios e dúvidas que perduram na prática pedagógica o que pode resultar negativamente nas práticas inclusivas da escola.

Sobre a função da coordenação pedagógica afirma Catanante, Dias (2017, p. 104)

O(a) coordenador(a) pedagógico(a) é aquele(a) profissional que coordena o trabalho realizado na escola de forma que este não se torne individualista e desarticulado com a realidade e as necessidades do(a) professor(a) e dos(as) estudantes.

Novamente o papel do coordenador pedagógico assume o papel fundamental dentro da escola, cabendo a ele organizar, planejar e articular o PPC, de modo que venham solucionar os mais diversos problemas e anseios presentes nos diferentes contextos, como por exemplo, a sala de aula. Para as professoras sobre a inclusão do aluno com PC percebem como algo positivo e com possibilidade de desenvolver potencialidades, consegue se comunicar e interagir com a comunidade.

Sobre as flexibilizações curriculares a coordenadora da escola afirmou não haver esse tópico no PPC, que procurava trabalhar-lo de maneira inclusiva, também afirmou que todos os alunos especiais eram acompanhados pelas cuidadoras escolares fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED). A coordenadora da APAE respondeu que sim.

A professora da escola afirmou não existir um plano individual para o aluno, mas sim adaptações e flexibilizações do currículo para realização das atividades pedagógicas. A professora da APAE afirma que o aluno possui um plano individualizado, planejado a partir do seu desenvolvimento cognitivo, e a partir do que a professora da sala regular está trabalhando, estabelecendo, portanto, uma parceria entre os conteúdos disciplinares e o atendimento de apoio especializado. Vejamos a narrativa de uma participante.

Tem a gente procura incluir ne... tanto na sala de aula, como nas atividades dos projetos da escola e procuramos incluir as crianças os jovens... nas atividades... então eu acho que a questão do documento em si falta ser mais estruturado... mas na prática assim, no dia a dia a gente procura fazer isso” (coordenadora da escola regular de ensino).

A partir da fala da coordenadora, pode-se verificar que as práticas de inclusão não estão presentes no PPC/currículo da escola, mas que os professores procuram adaptar segundo os princípios de uma educação inclusiva para o aluno com PC.

Sobre o processo de adaptação curricular para a inclusão de alunos com deficiência Mesquita (2010) afirma que devemos pensar se esse método de fato viabiliza o acesso ao ensino e aprendizagem de qualidade para aluno, ou se isso contribui ainda mais para o processo de exclusão do aluno especial. Por isso a importância da formação voltada para educação especial de professores e coordenadores da escola regular, pois com esses conhecimentos a prática inclusiva passa a ser de fato presente no cotidiano escolar

Relação da APAE e a Escola regular

Sobre essa temática os coordenadores afirmam que a parceria ocorre de forma simultânea de professor para professor, neste caso de acordo com as entrevistadas a APAE atua na orientação do professor na sala de aula, através de criação de recursos didáticos, como provas, materiais adaptados e etc. Também são realizadas formações para professores dentro da instituição especializada, afim de preparar o professor para lidar com o aluno com PC. A seguir mostramos a narrativa dos participantes:

É eu já vi professora aqui na escola, ela vem... ela mantém contato com a professora daqui, e teve uma época também, ano passado eu vi elas tratando sobre a adaptação de provas, a professora mandava as provas pra ela por e-mail pra ela fazer a adaptação... aí ela retornava pra poder facilitar essa atividade dele no período das avaliações então é mais ou menos assim que acontece, ela mantém contato com a professora pra possíveis orientações, é.. Também nessa parte aí de adaptação de atividades de provas é esse o trabalho é essa a parceria que existe é essa é nesse sentido(entrevista da coordenadora da escola regular) .

assim, não é uma parceria documental propriamente dita, é mais um acordo de professor para professor, e quando esse profissional da sala regular está com muitas dificuldades, a gente faz formação pra ajudar ele... mas não são todos que vem”(entrevista da coordenadora da APAE).

ano passado era muito boa! Esse ano não, esse ano não vieram aqui, no ano passado eles auxiliavam a gente aqui, eles faziam as provas a gente dava os assuntos e eles traziam a prova pronta né..., davam orientação pra gente.. mas esse ano não! Esse ano eu achei que eles negligenciaram muito nesse aspecto(...) a gente até estranha porque eles davam o suporte legal. Inclusive nós fomos fazer formação lá, eu aprendi muito a lidar com o Gabriel lá nessa formação, porque lá eles ofereciam recursos que a gente ia lá e buscava pra sala de aula, então ano passado assim... era uma parceria muito boa, que me ajudou muito! Me ajudou demais!(professora da sala regular)

ele é muito bem assistido, pelos professora que esteja com ele, o material dele é adaptado, entendeu? Essa professora lá, tem a maior preocupação com ele em relação a isso(...)o material delas lá também é adaptado como o nosso aqui. Então tem essa sintonia entre o nosso trabalho e os deles da escola. E ele se sente muito feliz também lá (professora da APAE).

Os dados sugerem a existência de uma parceria construída somente entre professores, e envolve adaptação de recursos e metodologias, com o intuito de oferecer condições para o trabalho docente no dia a dia com o aluno com PC.

Sobre isso o Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências determina que os objetivos do atendimento educacional especializado deve possibilitar acesso, participação e aprendizagem no ensino regular, assim como garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes (BRASIL, 2011)

Portanto, o atendimento educacional especializado (AEE) pode ser ofertado na escola regular onde o aluno está matriculado, em outra escola no contraturno, ou em instituições especializadas de apoio conveniado com a Secretaria de Educação municipal. Neste caso a APAE, do qual o aluno está matriculado faz o atendimento de AEE. Essa parceria tem como principal função, elaborar, planejar recursos pedagógicos que estimulem e completem com o desenvolvimento do aluno na sala de aula.

Dificuldades e desafios da relação entre APAE e escola regular

As respostas sobre dificuldades e desafios sobre a inclusão do aluno no atendimento do AEE em parceria com a APAE as respostas variaram. Na

perspectiva da coordenação essa parceria é quase inexistente, pois há pouca articulação entre as instituições na questão de escolarização do aluno com PC e de acordo com a coordenadora isso se deve ao fato de pouco estudo na área de educação especial. Na visão da professora da sala regular as dificuldades e desafios são sentidos quando há a falta da própria parceria, pois quando existe essa quebra de comunicação entre ambas, o mais prejudicado é o aluno, pois todo o processo educativo do qual ele faz parte fica incompleto, inacessível às condições específicas dele. Na perspectiva da professora da APAE não há dificuldades nesse apoio, pois existe de fato. Observamos os relatos a seguir :

é como eu te disse, na coordenação não tem muitos impactos, porque essa parceria, só acontece via professor pra professor, o que falta e eu reconheço isso... é mais estudo por parte da coordenação pra auxiliar os professores, assim pra incluir ainda mais esse aluno. E é isso, vamos sempre trabalhando (entrevista da coordenadora da escola).

A falta da parceria ela implica diretamente, porque assim, além do nosso trabalho, a gente tem que ter muita atenção, eu preciso me preocupar com o que eu vou trabalhar com o aluno, e quando essa parceria não existe como esse ano, eu acabo ficando com a responsabilidade com a menina do AEE que não conhece o Gabriel, porque ele não faz acompanhamento aqui, porque com a APAE, o que acontece, eu passo as informações do meu ponto de vista, porque não tenho formação na educação especial, Mas devido aqui a gente lê, e eu passo a informação e elas me retornam, e com a APAE não, eles já conhecem o aluno já sabem em que estágio ele estava, então não precisava dizer que a atividade não vai servir, porque o Gabriel tá além disso (entrevista da professora da escola).

Não. Pelo menos essa professora eu já conheço, então das vezes que eu já fui lá, ela parece bem empenhada no desenvolvimento dele, então a gente tem assim.. uma sintonia bacana, porque a gente tem que entender as coisas que ele gosta, pelo que ele tem preferência, e sabe que tem que fazer as coisas adaptadas pra ele e ela já leva legal, ela já leva as atividades todas prontas pra ele, quando não, ela confecciona lá, assim mesmo como eu aqui, nosso trabalho se complementa.(Entrevista da professora da APAE)

A fala da coordenação se dirige para a falta: o pouco estudo na área de educação especial e inclusiva e a inserção de aluno com deficiência na escola regular, ocasionando em barreiras que prejudicam o processo educativo do aluno com PC. A professora sente a falta de apoio no começo desse ano, pois era outra professora que acompanhava o aluno e não estabeleceu nenhum tipo de contato com a docente da sala regular. Nessa direção, é preciso que as ações da coordenação e dos professores envolvam o que preconiza a educação inclusiva: apoio entre a comunidade escolar, nesse caso, entre coordenadores e professores e entre professores e formação em serviço, (MANTOAN, 2003; PLETSCHE, FONTES, GLAT, 2006; SOUSA, 2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender a inclusão do aluno com paralisia cerebral e o atendimento educacional especializado: a relação escola - APAE. A pesquisa nos possibilitou perceber a complexidade à escolarização no foco AEE do aluno com PC. O AEE nesse contexto da pesquisa era realizado em parceria com a APAE. Os dados mostram que a parceria é positiva para as práticas inclusivas exitosas. Os dados sugerem que as professoras percebem como algo positivo para a permanência, e o sucesso na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Chama atenção as poucas ações da coordenação pedagógica da escola na articulação entre instituição especializada e escola no AEE, essa relação acontece por meio da articulação de professora para professora.

Pensamos que as escolas não estão preparados para atender a grande demanda de alunos especiais matriculados, havendo uma disparidade entre a realidade educacional e orienta os aportes legais e políticos

Concluimos que a relação APAE- Escola na perspectiva da inclusão escolar assume importância, para a aprendizagem, desenvolvimento do aluno com PC. E Sugerimos maiores pesquisas como forma de aprofundar a temática.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BASIL, Carmen. Os alunos com paralisia cerebral e outras alterações motoras: Desenvolvimento e Educação. In: COLL, César; et al. (Org). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa com paralisia cerebral**. Brasília: 2013.

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2003

PLETSCH, Márcia Denise; FONTES, Rejane de Souza; GLAT, Rosana. O papel da educação especial no processo de inclusão escolar: a experiência da rede municipal de educação do Rio de Janeiro. In. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29, 2006. *Anais [...]*. Caxambu-MG: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2006. p. 02-12.

SOUSA, Neide Maria Fernandes Rodrigues. *A pessoa com deficiência física: representações sociais de alunos usuários de cadeira de rodas sobre a escolarização e as implicações no processo formativo*. 2015. 203f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Pará. Belém-PA, 2015.